This is a open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution Licence

DOI: 10.5216/rppoi.v20.74468
EDUCAÇÃO

HOMENS PEDAGOGOS: O TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PEDAGOGUE MEN: THE TEACHING WORK IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

HOMBRES PEDAGOGOS: LA LABOR DOCENTE EN EDUCACIÓN INFANTIL

Thiago Nicolau Ferreira de Andrade[1] – ORCID 0002-6722-7168
Amone Inácia Alves[2] – ORCID 0002-3131-6230

RESUMO
O presente texto trata do trabalho desenvolvido ao longo do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás na disciplina TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) durante o ano de 2019, acrescida de observações após a aprovação do projeto de mestrado. A partir da vivência escolar, da experiência de trabalho na Educação Infantil, das observações e leituras de textos acadêmicos que discute a temática sobre a questão do gênero na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, parte-se do pressuposto de analisar e refletir a prática docente do professor *homem* e de suas nuanças entendendo como esse profissional é percebido na comunidade escolar. A pesquisa orientou-se a partir da experiência própria, observando a pouca representatividade de homens na educação infantil, o qual suscitou algumas inquietações: Por que encontramos tão poucos pedagogos nas salas de aulas? O que está por trás dessa ausência, já que nas instituições formadoras há a presença de tantos estudantes homens? Então, em posse dessas questões, em busca de literatura especializada e pesquisa documental, fomos em busca de entender por que há a feminização da educação infantil e como isso reverbera no trabalho docente. Para tanto, utilizamos de autores como: Marx (1984), Hobsbawm (1991), Sayão (2005). Ariès (2014), Aranha (2006) e Cambi (1999). Dessa forma, entendemos que ainda há lacunas sobre a dimensão do *homem pedagogo* e de seu trabalho na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I. O nosso texto assoma-se a outros trabalhos que visam compreender as novas configurações de gênero do trabalho docente, bem como o preconceito envolvido nessa profissão.
Palavras-chave: Trabalho docente. Homem pedagogo.

[1] Mestre em Educação pela UFG, Professor da Rede Municipal de Goiânia. E-mail: profthiago7@gmail.com
[2] Doutora em Educação pela UFG, Professora do PPGE/UFG. E-mail: amone_alves@ufg.br

ABSTRACT
This text deals with the work developed throughout the Pedagogy course of the Federal University of Goiás in the discipline TCC (Course Completion Work) during the year 2019, plus observations after the approval of the master's project. From the school experience, the work experience in Early Childhood Education, the observations and readings of academic texts that discusses the theme on the issue of gender in Early Childhood Education and Elementary School I, it is based on the assumption of analyzing and reflecting the teaching practice of the male teacher and his nuances understanding how this professional is perceived in the school community. The research was oriented from the experience itself, observing the low representativeness of men in early childhood education, which aroused some concerns: Why do we find so few pedagogues in the classrooms? What is behind this absence, since in the educational institutions there is the presence of so many male students? So, in possession of these questions, in search of specialized literature and documentary research, we went in search of understanding why there is the feminization of early childhood education and how this reverberates in teaching work. For this, we used authors such as: Marx (1984), Hobsbawm (1991), Sayão (2005). Ariès (2014), Aranha (2006) and Cambi (1999). Thus, we understand that there are still gaps about the dimension of the pedagogue man and his work in Early Childhood Education and Elementary School I. Our text is added to other works that aim to understand the new gender configurations of the teaching work, as well as the prejudice involved in this profession.
Keywords: Teaching work. Pedagogue man.

RESUMÉN
Este texto trata sobre el trabajo desarrollado a lo largo del curso de Pedagogía de la Universidad Federal de Goiás en la disciplina TCC (Course Completion Work) durante el año 2019, más las observaciones posteriores a la aprobación del proyecto de maestría. A partir de la experiencia escolar, la experiencia laboral en Educación Infantil, las observaciones y lecturas de textos académicos que discute el tema sobre el tema de género en Educación Infantil y Escuela Primaria I, se parte del supuesto de analizar y reflejar la práctica docente del maestro varón y sus matices entendiendo cómo se percibe a este profesional en la comunidad escolar. La investigación se orientó desde la propia experiencia, observando la baja representatividad de los hombres en la educación infantil, lo que despertó algunas inquietudes: ¿Por qué encontramos tan pocos pedagogos en las aulas? ¿Qué hay detrás de esta ausencia, ya que en las instituciones educativas hay presencia de tantos estudiantes varones? Entonces, en posesión de estas preguntas, en busca de literatura especializada e investigación documental, fuimos en busca de comprender por qué existe la feminización de la educación infantil y cómo esto repercute en el trabajo docente. Para esto, utilizamos autores como: Marx (1984), Hobsbawm (1991), Sayão (2005). Ariès (2014), Aranha (2006) y Cambi (1999). Por lo tanto, entendemos que todavía hay lagunas sobre la dimensión del hombre *pedagogo* y su trabajo en Educación Infantil y Escuela Primaria I. Nuestro texto se suma a otros trabajos que pretenden comprender las nuevas configuraciones de género del trabajo docente, así como los prejuicios que implica esta profesión.
Palabras clave: Trabajo docente. Hombre pedagogo.

Data de aceite: 29/12/2022

Data de submissão: 29/11/2022

INTRODUÇÃO

O presente texto tem por finalidade uma reflexão sobre o pedagogo homem e os paradigmas que por sua vez envolvem esse profissional. Nesse sentido, a partir da vivência escolar, da experiência de trabalho na Educação Infantil, das observações e leituras de textos acadêmicos que discute a temática sobre a questão do gênero na Educação Infantil, se faz necessário analisar e refletir a prática docente do professor *homem,* bem como de suas nuanças e de como esse profissional é percebido na comunidade escolar. Nesse sentido, é de grande relevância fazer uma reflexão histórica desse profissional da educação relacionando conceitos sociais, políticos e culturais para uma melhor compreensão do desdobramento da construção desse pedagogo enquanto homem.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter documental, cujo propósito é analisar as razões históricas da *feminização* e o espaço destinado na educação infantil e nas séries iniciais para o docente masculino. Ainda que entendamos a relevância da discussão de gênero e percebermos o quão é rico na quantidade de pesquisas sobre o tema, não constitui a centralidade dessa pesquisa essa discussão.

Entendendo que esse profissional vive a complexidade que é a sua formação inicial e as aspirações do trabalho que é contínuo no exercício profissional (FREIRE, 2005), compreendemos que a mudança é possível e, sendo a escola um espaço de mudanças, essa pesquisa almeja a transformação desse quadro e a publicização desse problema. Então, nos propusemos a fazer uma revisão da literatura sobre o tema, com os seguintes marcadores: pedagogos e trabalho docente.

Para tanto, unindo teóricos que visam a desmitificação do homem na pedagogia e a quebra de paradigmas relacionados ao trabalho docente quando nessa primeira etapa da Educação Básica, esta pesquisa terá como base de leitura Marx (1984) trazendo um olhar atento às relações de trabalho; Em Hobsbawm (1991) buscamos compreender os processos históricos da modernidade e as mudanças sociais que configuram o trabalho docente nos dias de hoje; Nas análises de Sayão (2005) afirma ser preciso o envolvimento de homens na Educação Infantil e compreender que não é apenas papel da mulher educar; Ariès (2014) explica a importância do papel social da criança e da família no processo de educação; e mais alguns autores relevantes para a composição do texto.

Na primeira parte do texto, nos ocuparemos de lançar um panorama sobre como tem sido desenvolvido historicamente o trabalho docente do pedagogo. Pretendemos trazer à tona a origem da pedagogia, desde os primórdios do surgimento da escola, da masculinização à feminização desse trabalho. Na segunda e terceira partes, nos propusemos a discutir a categoria gênero e como esta fundamenta espaços destinados a homens e mulheres na divisão social do trabalho na educação infantil.

REFLEXÃO HISTÓRICA DO TRABALHO DOCENTE DO PEDAGOGO

Partindo da reflexão histórica do tema proposto sobre a prática docente do *pedagogo homem* na Educação Infantil é extremamente relevante compreender que o trabalho docente no âmbito masculino é marcado por uma série de tabus envoltos em uma sociedade que demarcava espaços e lugares destinados a homens e mulheres. Isso significa dizer que o ambiente escolar se tornou majoritariamente feminino dentro de um processo histórico e convém explicitar os recortes de tempo destinados a isso.

Dessa forma, observado a etimologia da palavra *pedagogo*[3] (escravo que acompanhava as crianças à escola; sujeito que tem a práxis da pedagogia, que ensina, mestre, professor; aquele que tem a prática de ensinar) observa-se que a arte de ensinar, de conduzir as pessoas ao conhecimento remonta ao período grego antigo. Segundo Aranha,

> a palavra paidagogos nomeava inicialmente o escravo que conduzia a criança, com o tempo o sentido do conceito ampliou-se para designar toda teoria sobre a educação [...] os gregos esboçaram as primeiras linhas conscientes da ação pedagógica e assim influenciaram por séculos a cultura ocidental, [...] sendo os primeiros pedagogos professores homens. (ARANHA, 2006, p. 67-68).

Neste interim, a história evidencia que os primeiros pedagogos eram homens, em contrapartida, as mudanças recorrentes na sociedade e as novas configurações sociais são essenciais para se entender as mudanças educacionais a partir da chamada Idade Moderna. Os pedagogos eram de grande importância como preceptores das crianças, inserindo-as no mundo público.

Segundo Ariès (2005), a Modernidade é um período histórico inconcluso iniciado no final do século XV, sendo seu marco o caráter revolucionário em relação a cultura, princípios, costumes, valores, de ordens econômica, política, social e cultural vigentes no momento anterior a Idade Média. Significa um outro olhar sobre o ensino, à docência e as práticas escolares.

Olhando a sociedade Moderna e tendo o Estado como instituição central, Cambi (1999) diz,

> o centro motor de todo este complexo projeto de pedagogização da sociedade, de reorganização e de controle, de produção de comportamentos integrados aos fins globais da vida social é o Estado: o Estado moderno, entendido como poder exercido por um centro, segundo um modelo de eficiência racional e produtiva, em aberto contraste com o exercício de outros poderes (eclesiástico, aristocrático) e com a sobrevivência da desordem dos marginalizados (pobres, criminosos etc.). O pêndulo desse centro é o rei, figura burocrática, mas ainda sacralizada, que exerce uma indiscutível hegemonia, funcional para o crescimento de um Estado absoluto e centralizado. (CAMBI, 1999, p. 201).

Entretanto, com o advento da Revolução Industrial na Inglaterra em 1780, e com a Revolução Francesa em 1789, o mundo sofre grandes mudanças. A Revolução Industrial movida pelo capital e o domínio das máquinas em contrapartida com a Revolução Francesa de cunho ideológico e político marcaram a história da educação. (HOBSBAWM, 1991).

Nesse sentido, a mulher que até então era somente uma cuidadora do lar, mãe e esposa, passa a se efetivar no mercado de trabalho a partir da Revolução Industrial. Desse modo, com a mudança da mulher saindo do lar e se efetivando no mercado de trabalho, observa-se que esse processo reflete diretamente no sistema escolar. Inicia-se uma feminização da prática docente, sobretudo, relativo às séries iniciais.

É justamente no calor desses acontecimentos que a Revolução Francesa eclodiu. Por se tratar de um movimento, político e ideológico juntamente com as demandas da sociedade há um forte clamor

[3] Palavra de etimologia grega. *paidagōgós,oû* 'escravo encarregado de conduzir as crianças à escola'. DICIONÁRIO. *Grego Português-Português Grego*. Coleção dicionários modernos, Ed. Porto Seguro, São Paulo, SP: 2014, p. 714.

nesse período por mudanças na sociedade. Hobsbawm (1991) diz,

> [...] lutou por uma exploração eficiente da terra, por um comércio e por uma empresa livres, por uma administração eficiente e padronizada de um único território nacional homogêneo, pela abolição de todas as restrições e desigualdades sociais que impediam o desenvolvimento dos recursos nacionais e por uma administração e taxação racionais e imparciais. (HOBSBAWM, 1991, p. 74).

Com tantas reivindicações propostas e muitas delas atendidas, a mulher passa a ocupar um lugar representativo na sociedade. Passa a trabalhar de forma mais digna, a ter direito de voto e começa a participar de forma mais ativa na política. Desse modo, a escola teria a missão de preparar os trabalhadores, tornando-os mais hábeis e eficientes em suas funções, serem cidadãos exemplares e trabalhadores disciplinados.

Sob o olhar atento as mudanças, Marx (2004) diz sobre o trabalho,

> de produto individual do artífice de Nuremberg, o relógio transformou-se no produto social de numerosos trabalhadores parciais, cada um com o encargo de um produto parcial, como as rodas em bruto, as molas, o mostrador, a mola espiral, os furos para as pedras e as alavancas de rubis, os ponteiros, a caixa, os parafusos, o douramento. (p. 393).

Percebe-se assim, que os indivíduos mudaram suas relações sociais, dando um novo significado na interação com a família e com o trabalho, em sua forma de pensar, suas relações com a família e com o trabalho, uma vez que o artesão que trabalhava em todas as partes de um determinado objeto passa a produzir apenas uma parte desse todo, alterando sua relação com o objeto produzido. Com essa nova configuração do trabalho iminente, é importante ressaltar a relevância de Marx e suas contribuições para uma melhor compreensão do conceito de trabalho.

No capítulo V de O capital, Marx (1984) define o processo de trabalho como uma,

> [...] atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 1984, p. 153).

Nesse sentido, o trabalho realiza-se dando sentido ao propósito humano. Logo, somente por meio do trabalho o sujeito pode se constituir como humano, relacionando-se um com o outro e por intermédio da natureza, ou seja, é nessa relação com o trabalho que o homem enquanto ser histórico materializa seu trabalho em meio as contradições, assim, de forma cíclica esse homem age na natureza que por sua vez é transformada e que consequentemente supri suas necessidades.

Nessa relação de educação e trabalho docente, (PARO, 2001) afirma que a educação como a apropriação de um saber (conhecimentos, valores, atitudes, comportamentos, etc.) historicamente produzido e a escola como uma das instâncias que proveem educação, a consideração de um produto não pode restringir-se ao ato de aprender.

É no bojo dessas discussões que a prática docente reafirma sua marca na modernidade. Uma acentuada mudança no cenário político, econômico e social traz consigo o conceito marxista de divisão do trabalho, porém, é sob o olhar crítico dessa divisão trabalhista que começam apontar os

primeiros indícios de divisão sexual do trabalho, não que as obrigações masculinas e femininas não fossem já pré-definidas, só que agora a luz da modernidade e em meio as novas configurações de trabalho.

Sob o olhar dessas mudanças, Hirata e Kergoat afirmam,

> A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 559).

Analisando dessa forma, percebe-se que o trabalho passa por um processo de divisão social marcado em dois princípios fundamentais: o princípio separatista (existem trabalhos de mulheres e trabalhos de homens) e o princípio hierárquico (o trabalho de uma mulher "vale" menos que o trabalho de um homem). Esses princípios sociais são marcos ideológicos conhecidos em todas as sociedades existentes.

Dessa forma, para compreender essas mudanças e a dificuldade de aceitação do *pedagogo homem,* é necessário recorrer ao conceito de 'preconceito', ou seja, o processo de socialização no qual transforma e forma cada indivíduo perpassa por um crivo social e marcante em cada grupo da sociedade. Assim, o agir sem reflexão, a rejeição, a cegueira individual, o medo do diferente e o que nos causa estranheza são elementos constitutivos do preconceito. No entanto, para Crochík (2011),

> mais do que as diferenças individuais, o que leva o indivíduo a desenvolver preconceitos, ou não, é a possibilidade de ter experiências e refletir sobre si mesmo e sobre os outros nas relações sociais, facilitadas ou dificultadas pelas diversas instancias sociais, presentes no processo de socialização. A qualidade das ações dessas instâncias – família, escola, meios de comunicação de massa – se refere a como elas tratam com os tateios infantis e as fantasias a eles associadas no conhecimento do mundo. (CROCHÍK, 2011, p. 19).

Assim, haja visto o histórico, a valorização dos profissionais da Educação Infantil deve acontecer independentemente de serem mulheres ou homens, considerando a formação, o atendimento e a qualidade do ensino prestado às crianças, e não explicitando preconceito sobre esse profissional. Quanto à atuação do *pedagogo homem*, é importante destacar que esse profissional expressa a mesma condição que uma mulher para atuar nessa etapa de ensino. Melhor dizendo, não é por ser mulher ou homem que o profissional que atua nas séries iniciais do ensino fundamental está mais preparado para lidar com as crianças, no entanto, sua formação o qualifica e o capacita independentemente do gênero.

ANÁLISE DO CONCEITO DE GÊNERO NO TRABALHO DOCENTE

Historicamente, é relevante pensar que enquanto sujeito histórico (mulheres e homens) produtores de conhecimentos e ideias, carregam em seu processo histórico uma herança cultural divisional, ou seja, o *gênero* masculino e feminino estão separados em seu papel social refletindo a realidade contemporânea.

Entendendo que a construção do gênero é histórica e se faz constantemente

em processos sociais permeado nas relações entre homens e mulheres, no entanto, (LOURO, 2010) afirma que as representações e os discursos dessas relações estão em constante transformação. Logo, as identidades de gênero estão continuamente se transformando dando significado às relações de poder.

Dessa forma, conforme Louro,

> a pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos — étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. — constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse 'empurrado em diferentes direções'. (LOURO, 2010, p. 24).

Nesse sentido, ao entender que o conceito de gênero é constitutivo das relações sociais entre homens e mulheres, logicamente pensar as ações pedagógicas implica refletir as relações engendradas não apenas do ponto de vista da identidade dos profissionais docentes, mas também do ponto de vista da atuação que eles exercem sobre as crianças.

Para compreender melhor o conceito de gênero no âmbito educacional, Scott afirma,

> [...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação, no fato de que as mulheres têm as crianças e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções sociais" – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (1990, p. 7).

Ainda nesse entendimento, é necessário compreender que a identidade docente é engendrada de relações subjetivas, logo existem muitos paradigmas que precisam ser rompidos com o entendimento de que o magistério não é uma profissão apenas de mulheres, mas sim uma profissão que pode ser desempenhada por homens também, desde que seja preparado para tal função.

Tendo em vista esses aspectos, Nóvoa, ao refletir sobre identidade docente diz,

> a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar de processo identitário, realçando à mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. (1995, p. 16).

É sob esta ótica, olhando a partir da modernidade que o conceito de gênero é entendido como um marco para de certa forma anunciar significativamente as diferenças sociais entre homem e mulher, ou seja, a ideia de gênero chama a atenção para a diversidade ou as *diferenças dentro da diferença*. Desse modo, pensar nas mudanças de consciência sobre as relações

de gênero é essencial para compreender a identidade dos docentes, logo, é preciso uma reorganização do trabalho docente a fim de ampliar os espaços de socialização da escola, uma vez que essas relações dão sentido ao trabalho, ao aprender e ao ensinar, construindo assim novos saberes.

O trabalho docente do Pedagogo homem

Compreender os caminhos percorridos da profissão docente é de grande relevância para entender onde se situa o *pedagogo homem* nesse processo histórico do trabalho do professor, principalmente no que diz respeito a sua atuação na Educação Infantil.

Nesse processo, observa-se que ao longo da história da educação os caminhos construídos não são sistemáticos, logo, não ocupam uma linearidade nesse movimento denominado ensino-aprendizagem. Dessa forma, ainda que atualmente a educação é majoritariamente dominada pelo sexo feminino, é preciso que o pedagogo homem se posicione quebrando esse tabu da feminilidade na educação. Nesse sentido,

> como os estereótipos vão se modificando, as representações acerca dos espaços em que homens e mulheres deveriam atuar foram sendo alteradas. É bem verdade que as questões ligadas ao poder ainda são mais associadas aos homens, mas também é verdade que, atualmente, eles têm participado mais intensamente do processo de educação dos filhos, se comparados com épocas não muito remotas. (GONÇALVES, 2009, p. 29).

Portanto, pensar na profissão docente é entender que as relações sociais de gênero entre homens e mulheres implica diretamente não somente na identidade desses pedagogos, mas na constituição formativa das crianças nas quais eles estão ligados diretamente. Desse modo, as relações sociais e de divisão sexual do trabalho docente estão engendradas na atuação destes profissionais.

Tomando por base a LDB[4] (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), no artigo 62, percebe-se que em momento algum seu texto faz referência à Educação Infantil determinando que o professor do sexo masculino não deverá exercer essa função. Portanto, é notório quando diz que os professores devem ser profissionais habilitados para atuarem na Educação Infantil,

> Art.62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (BRASIL, 2018, p. 41).

Tendo em vista esses aspectos, evidencia-se aberto um campo profissional na docência não somente para as mulheres, mas também para os homens, uma vez que, passou a ter concursos públicos, os quais não determinavam que somente as mulheres pudessem trabalhar com as crianças na Educação Infantil, mas sim profissionais qualificados e formados para tal função.

Nesse sentido, é importante fazer um catarse para desconstruir o imaginário de que a profissão docente é especifica de um determinado gênero, evidentemente, do sexo feminino. Porém, existe um longo caminho a ser percorrido inerente a identidade e atuação profissional de homens na educação infantil, haja vista, a escola tem um papel fundamental no sentido de descontruir todo preconceito enraizado ao

[4] BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *LDB - Lei nº 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996, 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. 58 p.

longo do tempo de um assunto que é tão emergente no contexto atual.

As trajetórias dos docentes e os pré-conceitos

Ao refletir sobre os pré-conceitos no âmbito sociocultural observa-se que a trajetória e os processos tecidos pela figura masculina na docência, principalmente no que diz respeito à Educação Infantil atualmente é um tabu. No entanto, é necessário entender que o pré-conceito é um fenômeno que tem raízes sociais e marcas históricas, ou seja, é contrário à toda forma de inclusão sendo uma apropriação distorcida realidade e apresentando-se com um olhar enviesado do *outro*. Nesse sentido, conceituar os preconceitos é uma missão árdua, porém emergente ao entender que o preconceito é produto e ao mesmo tempo produtor das relações entre sociedade e subjetividade.

Segundo Crochík (2006),

> [...] o objeto de preconceito para exacerbar aquela mimese, é percebido como a cópia daquilo que o ideal nega: aquilo que não se deve ser. Os valores ou classificações culturais que o ideal da cultura produz, através da mediação do processo de falsa mimese, irão permitir as possíveis identificações do indivíduo e a assimilação ou não dos estereótipos. (2006, p. 51).

Assim, é notório visualizar como o preconceito sociocultural é direcionado para pensar os currículos de forma preconceituosa por uma sociedade totalmente dominada por homens e que com decorrer do tempo novas configurações sexuais do trabalho docente foram tomando forma levando em conta os valores femininos. Nesse sentido, ao refletir sobre o preconceito sociocultural, é preciso compreender que os processos educacionais envoltos à figura do *pedagogo homem*, principalmente no ambiente escolar é marcado pela ausência desses profissionais na Educação Infantil.

Dessa forma, sendo a escola um espaço de produção e relação social é essencial que ela seja um lugar de mediação no processo de ensino aprendizagem. É na escola que se universaliza a cultura e prioriza uma formação humana e emancipatória de cidadãos. Portanto, não se pode permitir que o preconceito ou práticas discriminatórias sejam aceitas em qualquer ambiente, principalmente o escolar, pois é neste ambiente que o pedagogo homem atua como um profissional da educação, formado, qualificado e habitado para exercer sua função.

Masculinidades e a Pedagogia

Fazer uma reflexão sobre questões inerentes aos limites do trabalho vivenciado por parte dos pedagogos homens é entender que o conceito de masculinidade está posto culturalmente e vem sendo reafirmado geração após geração. Nesse sentido, observa-se uma dificuldade de aceitação no mercado de trabalho destes profissionais, haja vista, um dos argumentos que mais distanciam os homens da docência nas séries iniciais do ensino fundamental, é o fato de serem chamados de pedófilos.

Diante deste aspecto, o cuidar vem sendo determinado por fatores sociais implicados à figura feminina, fazendo com que o pedagogo homem por medo de sofrer rechaças de alegações de abuso sexual e assédio abandonem a profissão.

Desse modo, o que prevalece é uma visão que as mulheres são cuidadoras natas, dotadas de capacidades e habilidades para com o cuidado em relação as crianças. Assim, o estereótipo social que prevalece é que aos homens cabem enfrentar a competitividade do mercado capitalista, enquanto as mulheres se dedicam ao aspecto da maternidade elo que define sua feminilidade.

Nesse entendimento, Sayão afirma,

> são evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. Dado que, historicamente, e como uma continuação da maternidade, os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos. É indubitável a crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças. (2005, p. 16).

Portanto, ao considerar a afirmação acima, percebe-se que o preconceito está enraizado na ideia de que os homens são incapazes para a docência, chegando ao ponto da exclusão, inclusive em respeito a sua contratação por ser um profissional do sexo masculino, principalmente em escolas privadas.

Assim, pensando nas dificuldades enfrentadas por parte dos pedagogos homens em virtude das exigências institucionais, demanda dos professores uma postura muitas vezes opressora, no entanto, Sayão diz,

> [...] o corpo masculino considerado sexualmente ativo deve ser privado de contatos mais próximos com as crianças. Poucos profissionais conseguem ultrapassar tais dificuldades. Muitos preferem aderir à cultura institucional para não perderem seu emprego. (p. 261).

Dessa forma, entende-se que grande parte da defasagem de pedagogos homens na Educação Infantil é um conjunto de ações proporcionadas pelo preconceito, não só por parte da sociedade, da escola ou das famílias, mas também do próprio profissional que desconhece a importância da sua formação e prática docente, reafirmando o preconceito que de fato as mulheres levam mais jeito com crianças do que os homens.

Tendo em vista os desafios da prática docente do pedagogo homem, é preciso que esse profissional reflita sobre sua realidade, transmitindo para a sociedade, para a escola e para a família a devida confiança no seu trabalho, permitindo que os mesmos deixem de lado os preconceitos que foram se formando com relação ao pedagogo homem na Educação Infantil.

Questões econômicas da escolha do magistério

É bem verdade que no Brasil a profissão docente é desvalorizada sem reconhecimento, porém, o fator econômico acaba sendo um fator desmotivador para muitos professores, levando ao preconceito que a profissão docente não é para homens devido aos baixos salários, o que tem ocasionado a desistência de muitos profissionais da área.

Existe uma pressão social e familiar preconceituosa de que a docência não é para homens, o argumento é que a carreira docente é pouco rentável para aqueles homens que querem constituir uma família.

As escassas condições de trabalho e a baixa remuneração são marcas sociais deixadas ao longo da história docente, no entanto, o que se observa é um total descaso do Estado para com o magistério afastando os homens da educação pública, ampliando assim os espaços escolares para as mulheres por entenderem ser uma mão de obra mais em conta. De acordo com Kramer (2001),

> as atividades do magistério infantil estão associadas ao papel sexual, reprodutivo, desempenhado tradicionalmente pelas mulheres, caracterizando situações que

> reproduzem o cotidiano, o trabalho doméstico de cuidados e socialização infantil. As tarefas não [eram] remuneradas e têm aspecto afetivo e de obrigação moral. Considera-se que o trabalho do profissional de educação infantil necessita de pouca qualificação e tem menor valor. A ideologia aí presente camufla as precárias condições de trabalho, esvazia o conteúdo profissional da carreira, desmobiliza os profissionais quanto às reivindicações salariais e não os leva a perceber o poder da profissão. (p. 97).

Nesse sentido, a ideia que se tem é que as séries iniciais do ensino fundamental, principalmente a Educação Infantil são etapas escolares que não precisam de muito conhecimento, fortalecendo o elo cultural entre as mulheres e o cuidado na Educação Infantil.

Assim, observa-se que o trabalhador docente ao pertencer a uma classe trabalhadora mal remunerada, o mesmo fica emaranhado a um sentimento de fazer parte de uma classe desvalorizada. Dessa forma, pensando na expansão escolar dos últimos anos, se faz necessário um posicionamento crítico em meio ao preconceito vivido pelo pedagogo homem no que diz respeito às suas más condições de trabalho e a baixa remuneração.

CONSIDERAÇOES FINAIS

A partir das reflexões sobre o tema: "Homens Pedagogos: O trabalho docente na Educação Infantil", propusemos uma discussão para desmistificar a ausência de homens na educação infantil, cujo argumento central repousa sobre a ideia de que homens não são capazes de cuidar de crianças. Levando-se em conta que a profissão docente deve ser exercida por pessoas qualificadas independente do sexo que possua, desconstruindo o pensamento feminista do magistério, é que este trabalho se ocupou.

Sob essa perspectiva, com um olhar atento na profissão docente, é que este trabalho traz uma reflexão histórica do trabalho docente do pedagogo envolvendo a questão (gênero) feminino e masculino em seu contexto sócio-histórico, contemplando o desdobramento e a construção do conceito de pedagogo. Ora, é nessa lógica histórica de uma construção epistêmica, principalmente a partir da modernidade, com a figura masculina inserida na docência, onde chega-se à conclusão de que essa profissão atualmente para um homem é extremamente desafiadora, porém não impossível, haja vista, sua capacidade de atuação está vinculada a sua formação e capacidade para a práxis da docência.

Nesse sentido, é relevante entender que alguns paradigmas da profissão docente precisam ser rompidos do senso comum. É necessário mais informações, documentos legais que intercedam junto aos professores homens, e uma maior conscientização das instituições escolares para com a comunidade, eliminando toda e qualquer forma de preconceito. Desse modo, é preciso dialogar sobre o aumento gradativo (ainda que irrelevante) de professores homens nos cursos de Pedagogia e, incentivar a produção de pesquisas sobre o tema, rompendo com os medos e a insegurança por parte desses profissionais.

É diante da atual conjuntura onde percebemos que o trabalho docente e a profissão professor atravessam fronteiras de gênero, desmistificam concepções, redefinem posições e quebram paradigmas. Contraditoriamente, isso só acontece porque, para compreender o trabalho dos homens, foi necessário entender a dura jornada que viveram as mulheres, ao longo dos séculos, para se libertarem do jugo do patriarcado, ainda presente. A história continua...

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: Geral e Brasil. 3 ed. rev. ampl. SP: Moderna, 2006.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2005.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *LDB* - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996, 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. 58 p.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1999.

CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 1ª reimp. da 3. ed. de 2006. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

DICIONÁRIO. **Grego Português-Português Grego**. Coleção dicionários modernos, Ed. Porto Seguro, São Paulo, SP: 2014.

Freire P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra; 2005.

GONÇALVES, J. P. O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério. 2009. 232 f. **Tese (Doutorado em Educação)** – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, 2009.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Acesso em: Novas configurações da divisão sexual do trabalho | Hirata | Revista Tecnologia e Sociedade (utfpr.edu.br)

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções** *(1798-1848).* Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1991.

HYPOLITO, A. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

KANT, Emmanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: FONTANELLA, Francisco, 2002.

KRAMER, Sonia. Formação de Profissionais de Educação Infantil: questões e tensões. In:_____. (Coord.). **Relatório de Pesquisa Formação de Profissionais da Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ravil, 2001, 160 p. (Relatório de Pesquisa CNPq/FAPERJ). p. 89-104.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2010.

MARX, Karl. Trabalho Estranhado e Propriedade Privada. In. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX. Karl. **O capital**. São Paulo: Difel, 1984.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. Porto. Porto Editora, 1995.

PARO, Vitor Henrique. A natureza do trabalho pedagógico. In: PARO, Vitor. **Gestão democrática da escola pública**. 3. edição. Editora Ática. 2001.

SAYÃO, Deborah Thomé. Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creches. 273 f. **Tese (Doutorado)** – Universidade Federal de Santa Catarina,

Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 5-22, jul./dez.1990. Acesso em: Gênero: uma categoria útil de análise histórica | Educação & Realidade (ufrgs.br)